

SER LETRADO, SER ATUANTE

Thaís Ferreira Bigate (UERJ)
thaisbigate@yahoo.com.br

1. Introdução

Nos últimos vinte anos, o letramento tem sido tema constante nos debates sobre educação. Seu conceito foi genericamente definido e é constantemente posto em confronto com a alfabetização, por conseguinte novas teorias têm surgido e o assunto mostra-se ainda não esgotado. O presente estudo aborda o letramento como resultado do constante contato dos indivíduos com a leitura e a escrita nas práticas sociais que vivenciam. O objetivo da pesquisa é levantar a hipótese, por meio de estudo por amostragem com pessoas não escolarizadas, de que não há nível nulo de letramento.

2. O letramento e suas dimensões

Ao termo letramento são dadas significações distintas de acordo com o autor, o momento histórico, as necessidades e condições sociais específicas e o estágio de desenvolvimento. Entretanto, nesta pesquisa, o letramento será abordado como “um conjunto de práticas sociais relacionadas à leitura e à escrita” (BOTELHO, 2012, p. 23). Em outras palavras, é o estado ou condição daquele que se apropria da leitura e da escrita e de suas práticas sociais. Apropriar-se não quer dizer que a escrita foi codificada e decodificada, mas que ela tornou-se propriedade dos que a utilizam – em situações específicas – mesmo sem dominá-la plenamente.

A sociedade contemporânea é grafocêntrica, a leitura e a escrita tornaram-se imprescindíveis para que haja a inclusão social. Elas estão presentes em todas as esferas e movimentam as atividades e relações do mundo moderno. Dentro desse contexto, é possível dizer que ainda há pessoas com nível nulo de letramento?

Essa resposta dependerá da dimensão do letramento a que se refere. Segundo Magda Soares, o tema divide-se em duas principais dimensões: a dimensão individual e a dimensão social. A primeira está relacionada ao conhecimento individual das tecnologias da leitura e da escrita, é compreendida como a habilidade de codificar as unidades de som, decodifica-las e atribui-las significado dentro de uma estrutura maior que é o

texto. A segunda dimensão diz respeito ao fenômeno cultural, isto é, ao conjunto de atividades e exigências sociais ligadas a língua escrita. Dessa dimensão, vem o termo letramento funcional, pois se depreende que para que um indivíduo esteja em atividade e interaja adequadamente dentro de um contexto social é fundamental que ele adquira algumas habilidades de leitura e escrita.

A dimensão social ainda possui duas vertentes: a revolucionária, vista como radical, e a progressista, liberal. A versão revolucionária dá ao homem a oportunidade de conscientizar-se de sua realidade e transformá-la por meio do conhecimento adquirido. Como afirma Kirsch e Jungeblut, é “o uso da informação impressa e manuscrita para funcionar na sociedade, para atingir seus próprios objetivos e desenvolver seus conhecimentos e potencialidades.” (1990 *apud* SOARES, 2001, p. 74). A versão progressista é vista como passiva, propicia apenas que o cidadão participe de atividades essenciais do seu cotidiano, é um letramento de sobrevivência que requer o uso básico da leitura ou a produção de símbolos escritos.

A partir de tais levantamentos, o questionamento feito anteriormente pode ser respondido: na sociedade contemporânea ainda existem, como é sabido, pessoas que não são letradas do ponto de vista da dimensão individual e da dimensão social, segundo a versão revolucionária, mas é possível sugestionar que dentro da perspectiva social progressista não há pessoas iletradas. Atividades simples do dia a dia como ir ao trabalho, utilizar transportes públicos e fazer compras, por exemplo, exigem um nível, mesmo que pequeno, de compreensão da escrita.

Os níveis de letramento variam de acordo com os contextos sociais e as atividades desenvolvidas por cada grupo e cada indivíduo, “assim, pessoas que ocupam lugares sociais diferentes e têm atividades e estilos de vida associados a esses lugares enfrentam demandas funcionais completamente diferentes.” (*Ibidem*, p. 80). Aspectos como idade, sexo, tipo de atividade laboral, residência rural ou urbana influenciam decisivamente no nível de desenvolvimento do letramento. Com essa diversidade de perfis, definir um conjunto de competências para classificar o letramento funcional é uma tarefa complexa.

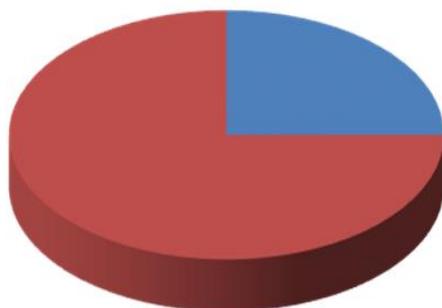
A pesquisa por amostragem, realizada com cidadãos que não foram escolarizados, ou seja, considerados analfabetos por não saberem ler e escrever, tem por objetivo trazer à tona a provável ideia de que na sociedade atual todos têm um nível de letramento. Mesmo entre aqueles que

não dominam o alfabeto, esses níveis de letramento podem variar, como foi mencionado anteriormente, de acordo com as atividades e funções desenvolvidas no cotidiano.

3. Gráficos do estudo

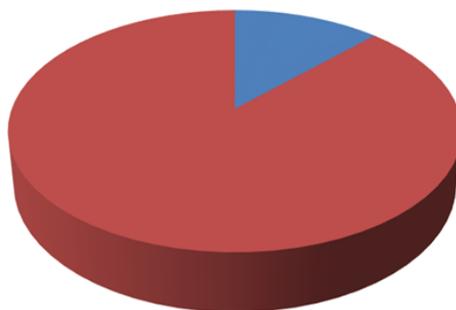
O questionário foi respondido por oito pessoas não escolarizadas entre 23 e 88 anos. Observe as questões e seus resultados:

- 1) Consegue identificar algumas placas de regulamentação? (Foram apresentadas algumas placas frequentemente utilizadas no cotidiano.)



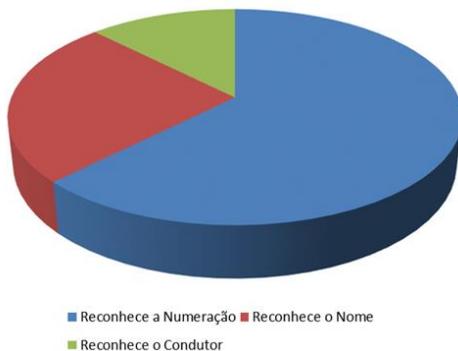
■ Identificaram todas as placas ■ Identificaram algumas placas

- 2) Resolve as quatro operações matemáticas?

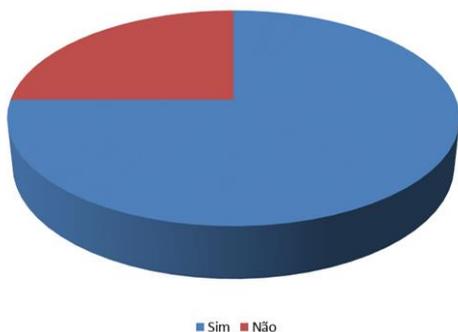


■ Sim ■ Não

- 3) Como identifica o transporte coletivo que utiliza com frequência?



- 4) Ao ir ao supermercado, consegue comparar preços?



- 5) Como identifica as marcas dos produtos de sua preferência?



4. Análise de dados

Diante dos resultados, pode-se observar que os textos não verbais – como as placas de regulamentação, as logomarcas e os números – são mais bem compreendidos e identificados pelos entrevistados. As questões 1, 3, 4 e 5 evidenciam essa informação.

Todos os entrevistados alegaram não saber resolver nenhuma das quatro operações matemáticas (gráfico 3), entretanto, afirmaram saber fazer uso do dinheiro em situações em que necessitam somar, subtrair e até mesmo dividir e multiplicar. Além disso, a maioria explicita que, mesmo quando vai às compras desacompanhado, consegue comparar preços.

No gráfico 3 e 5, nota-se que algumas pessoas que participaram da pesquisa são capazes de decodificar as letras nos meios de transporte e nos produtos que mais utilizam. O que influencia diretamente nesse reconhecimento é o fato desses cidadãos morarem em cidades grandes, trabalharem e participarem de outras atividades. E quanto aos produtos, geralmente, os responsáveis pela tarefa de fazer as compras em suas casas acabam por decorar o nome dos itens que consomem recorrentemente. Sendo assim, suas práticas diárias obrigam-nos a ter um conhecimento menos superficial da escrita do que os que não desempenham essas funções.

5. Considerações finais

O estudo levanta a hipótese de não haver letramento nulo na sociedade atual, como se pode constatar nos dados da pesquisa, há pessoas com o nível baixíssimo de letramento, mas nenhum deles apresentou não ter conhecimento algum da escrita. Como afirma Botelho

é de se esperar que nas sociedades contemporâneas não haja indivíduos com um nível de letramento nulo; pode haver, e há, analfabetos, mas todos de sua comunidade são letrados, pois nessas sociedades a leitura e a escrita são comuns e de presença muito forte. (2012, p. 25).

Há, portanto, a variação dos níveis de letramentos desses cidadãos não escolarizados devido às demandas sociais. É quase improvável que um indivíduo que se encontra imerso nesse contexto não desenvolva, mesmo que infimamente, conhecimento da leitura e da escrita. Para que haja uma simples atuação na sociedade, se faz necessário, ao menos, uma

noção das tecnologias da comunicação e da linguagem por serem essas primordiais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTELHO, José Mario. *Oralidade e escrita sob a perspectiva do letramento*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.